



História de Vida, Pesquisa Narrativa e *Testimonio*: Perspectivas nos Estudos Biográficos

Life History, Narrative Research and Testimonio: Perspectives in the Biographical Studies

Eliane Regina Pereira
Renata Fabiana Pegoraro
Emerson Fernando Rasera
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Os estudos biográficos abrangem uma importante orientação teórico-metodológica que vem sendo desenvolvida nas ciências humanas e sociais, nos quais há valorização do sentido atribuído pelo sujeito aos acontecimentos ou situações narradas. Este artigo tem como objetivo discutir e comparar os métodos da história de vida, pesquisa narrativa e *testimonio*, por meio da análise do contexto histórico de sua emergência, da definição de seu conceito central, dos procedimentos metodológicos, de suas principais contribuições, bem como das críticas mais significativas, destacando assim, suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: História de vida; Pesquisa narrativa; *Testimonio*; Estudos biográficos

Abstract

Biographical studies cover an important theoretical and methodological framework that has been developed in the human and social sciences, in which there is an appreciation of the meaning attributed by the subject to events or narrated situations. This study aims to discuss and compare the methods of life history, narrative research and testimonio, by the analysis of the historical context of its emergence, the definition of its central concept, the methodological procedures, their main contributions, as well as the most significant criticism, highlighting their similarities and differences.

Keywords: *Life History; Narrative Research; Testimonio; Biographical Studies*

Introdução

As biografias ainda ocupam um lugar importante no imaginário social na contemporaneidade. No cinema, na literatura e no jornalismo, elas nos convidam a sermos testemunhas de outras vidas e experiências, de outras histórias pessoais e coletivas. Na academia, as biografias são fonte de estudos para diferentes campos do conhecimento, sendo fonte de entendimento da vida social (Borges, Torales, & Guerra, 2011; Macedo & Goellner, 2013; Priore, 2009).

Os estudos biográficos constituem uma forma de produzir conhecimento calcada na biografia, mais especificamente, no gênero biográfico, o qual envolve distintas formas, como a memória, diários, confissões, testemunhos, autobiografia, história oral, romances biográficos. Essas variadas formas correspondem a diferentes campos disciplinares, tradições epistemológicas, os quais visam certos objetivos e se organizam a partir de determinadas práticas.

Essa diversidade, por um lado, constitui um rico conjunto de possibilidades para os pesquisadores; por outro, pode causar inquietações e dúvidas que trazem insegurança e afastam os interessados. Buscando contribuir para um melhor entendimento desse campo de estudos, o objetivo desse artigo é compreender a história de vida, a pesquisa narrativa e o *testimonio* como abordagens no campo dos estudos biográficos. A escolha dessas três abordagens possibilita uma análise que inclui tanto perspectivas mais tradicionais e conhecidas, bem como aquelas mais recentes inovadoras.

Metodologicamente, buscaremos apresentar cada uma dessas abordagens situando o contexto histórico de sua emergência, a definição de seu conceito central, os procedimentos metodológicos, suas principais contribuições, bem como as críticas mais significativas.

Esperamos, assim, permitir uma visão comparativa entre essas três diferentes abordagens de forma a contribuir para uma maior precisão conceitual, além de apontar para a riqueza teórico-metodológica proporcionada pelo estudo de variadas formas de biografia.

Histórias de vida

A história de vida é, segundo José Meihy (1996), uma das modalidades da História Oral. É um dos recursos da moderna história moderna, que vem ganhando destaque a partir da Escola de Chicago, na década de 1920, nos Estados Unidos. Para Sônia Maria Santos e Osmar Ribeiro Araújo (2007, p. 196), a história oral de vida pode ser comparada e um “retrato que o narrador faz de si mesmo”. O uso desta modalidade permite que se trabalhe com a trajetória do entrevistado, na tentativa de construção da biografia do depoente e, deste modo, possibilita vislumbrar aspectos sócio-histórico-culturais que não são observados por meio de outras fontes, segundo a revisão de Santos e Araújo (2007). Logo, permite a narrativa do passado a partir do presente. Isto implica na compreensão de que as experiências do narrador são incorporadas e que não há um significado único a se atribuir a um acontecimento (Santos & Araújo, 2007). Aluísio Ferreira Lima (2014, p.17) retoma Queiroz (1998, p. 20) que defende a idéia da história oral de vida como “o relato do narrador sobre sua experiência através do tempo”, de forma que, a partir de seu relato, seja possível reconstruir os acontecimentos vividos e transmitir a experiência adquirida neste processo, captando o que acontece na encruzilhada da vida individual e social.

Santos e Araújo (2007) apresentam a história oral tanto como uma técnica quanto como um método, a partir da perspectiva de Thompson (1998, em Santos & Araújo, 2007). Como método, ela transmite informações sobre determinado tema, a partir da visão do narrador. Como técnica, a história oral é fonte complementar a outra fonte, servindo para “para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação” (Santos & Araújo, 2007, p. 194). Se compreendida como um método, implica no planejamento e na realização de um conjunto de entrevistas.

Para Marianne Gullestad (2005), pesquisadores do campo da história e ciências sociais usam as histórias de vida para extrair informações sobre o curso de vida. Já críticos literários, ao enfatizarem a história e não a vida, preocupam-se com a narrativa. Há, ainda, outras aplicações, como aquela feita por Josso (1999), que apresenta as histórias de vida a serviços de projetos e por Pineau (2006), que foca as histórias de vida em formação. Este

último ainda diferencia: biografia, autobiografia, relato.

Segundo Lima (2014), no Brasil, a história de vida como uma técnica foi inicialmente empregada na área de Psicologia Social com Eclea Bosi, em estudo clássico sobre memória social. Neste sentido, foi usada em investigações sobre aspectos sociais pouco documentados tais como grupos étnicos, categorias profissionais, no meio urbano ou rural (Queiroz, 1998, citado por Lima, 2014). Além disso, o autor diferencia o uso da história de vida no campo da Sociologia e da Psicologia. Na Sociologia buscam-se marcas dos grupos étnicos aos quais pertenciam os entrevistados. Já o seu emprego pela Psicologia busca as particularidades que singularizavam os indivíduos. Lima (2014) defende que, com A. C. Ciampa, no campo da Psicologia Social, a dicotomia social/individual foi superada no estudo sobre identidade. Ciampa usou o método de história de vida de forma a ser adequado, segundo Lima (2014), a denominação “narrativa de história de vida”. O registro é feito com o uso de um gravador e o número de entrevistas é determinado pelo ponto de saturação de sentido. Após a gravação, realiza-se a transcrição literal e, em seguida, a apresentação da transcrição aos participantes para receber autorização de uso de conteúdo e esclarecer pontos obscuros. Após a transcrição (Lima, 2014), as informações são divididas em proposições indexadas (quem fez o que, quando, onde e porque) e não indexadas (juízos, valores), as quais são diferenciadas em sentidos, experiências vividas e argumentos (reflexões sobre os eventos).

Uma pesquisa na base Scielo revelou o emprego da história de vida como uma técnica em estudos brasileiros do campo da Saúde e Educação. Marília Bense Othero e José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres (2012) utilizaram a história de vida como uma técnica para identificar as necessidades de saúde das pessoas com deficiência, com destaque para a forma de captação dos sujeitos, o tempo de duração das entrevistas e a análise das mesmas. Mariana Cardim e Martha Cristina Nunes Moreira (2013) empregaram histórias de vida como complemento ao genograma e Ana Priscila de Oliveira Benites e Neuza Barbarini (2009) discutiram gênero a partir da história de vida de mulheres.

Outro emprego da técnica de narrativas ou entrevistas de história de vida foi feito por Suzana Burnier et al (2007) em estudo com vinte professores da capital do Estado de Minas Gerais. Os pesquisadores realizaram a gravação em áudio e vídeo de suas histórias de vida pessoal e profissional por cerca de 1 hora. Em seguida, foram feitas perguntas sobre as escolhas que levaram o entrevistado a se tornar professor, seus valores e perspectivas quanto ao ensino.

Além do emprego no campo da saúde e educação, as histórias de vida também tem sido adotadas na área de Administração. Lisiane Quadrados Closs e Sidinei Rocha-de-Oliveira (2015) as empregaram para analisar as influências e os limites das trajetórias profissionais de executivos. Os autores, com base em Smith (2012, em Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015), argumentam que as entrevistas de história de vida permitem que se investiguem motivações, valores e escolhas relacionados à carreira. No contato inicial com os participantes buscou-se estabelecer um clima de confiança necessária a este tipo de pesquisa. Na primeira entrevista, era solicitado que falassem sobre suas trajetórias de vida, com destaque para as experiências significativas em suas carreiras. O pesquisador, neste tipo de entrevista, deveria pouco intervir e “seguir os atores” (Delory-Momberger, 2012, p. 528 citado por Closs e Rocha-de-Oliveira, 2015, p. 531), registrando-se observações relevantes em diário de campo. A análise do material de Closs e Rocha-de-Oliveira (2015) foi efetuada a partir de Denzin (1989, em Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015), com uma estratégia interpretativa. Foram realizadas de 2 a 3 entrevistas de cerca de 90 minutos com cada entrevistado.

Os estudos anteriormente destacados, possibilitam-nos refletir que, por trazer informações sobre pessoas e acontecimentos, a história de vida pode permitir que se conheçam transformações sobre valores e ideias culturais de grupos específicos (Gullestad, 2005). As histórias de vida são, segundo Marianne Gullestad (2005), documentos históricos cuja relevância se assenta na tensão revelada entre sua singularidade (a história da vida da pessoa que narra) e a presença de conhecimentos e convenções socioculturais neste relato, tornando-o patrimônio cultural.

Aplicadas ao campo da formação e condição docente, segundo Burnier et al. (2007), as histórias de vida podem contribuir para compreender a relação entre os sujeitos e sua profissão/ofício, já que permitem que o pesquisador tenha acesso às referências que embasam a construção de significados pelos depoentes, bem como compreender aspectos constitutivos da identidade docente.

No campo da Administração, as histórias de vida podem ser úteis para se entender aspectos objetivos e subjetivos envolvidos na escolha e construção da carreira, tema interdisciplinar, segundo Closs e Rocha-de-Oliveira (2015), tais como contextos político econômico e emocionais do depoente.

Apesar da contribuição da história de vida no campo da pesquisa, Gullestad (2005) alerta para a necessidade de se olhar um texto autobiográfico como reconstrução de experiências e superação da dicotomia fato - ficção. As histórias de vida não devem ser vistas como “janela para a realidade externa”, nem como construção puramente pessoal e poética.

Pesquisa Narrativa

Antonio Bolívar, Jesús Domingo e Manuel Fernández (2001) escrevem que o enfoque narrativo e biográfico, usado nas ciências sociais, teve seu princípio com a crise da modernidade, mais especificamente com a crise da investigação positivista convencional. A investigação narrativa é segundo os autores, um lugar de encontro e intersecção entre as diversas ciências sociais e se configura em um campo transversal onde linguística, antropologia, psicologia, filosofia, educação etc., tem reivindicado a narrativa como campo de pesquisa.

Segundo Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002) a narrativa é uma forma discursiva. Ao narrar o sujeito fala de si e da sociedade, ele organiza a experiência em sequência e encontra possíveis explicações para a cadeia de acontecimentos. Segundo os autores ainda, toda narrativa tem uma dimensão cronológica e uma dimensão de enredo. Contar histórias implica os sujeitos aos acontecimentos e sentimentos. Fritz Schutze (2014, p. 14) escreve que “toda narrativa é, por princípio, interação”. Segundo o autor, para ser desenvolvida, compreendida e analisada de maneira signifi-

cativa, toda narrativa precisa de um modelo de ação interacional, pois é atividade discursiva. Narrativa es el nombre de esa cualidad que estructura la experiencia que va a ser estudiada, y es también el nombre de los patrones de investigación que van a ser utilizados para su estudio (Connelly & Clandinin, 1995, p. 12).

Quando Michael Connelly e Jean Clandinin (1995) definem que narrativa é tanto o objeto a ser estudado quanto o método, definem também de que tipo de pesquisa narrativa falamos. A pesquisa narrativa tem três dimensões escrevem Guilherme do Val Prado, Rosaura Soligo e Vanessa Simas (2014) quais sejam: fonte de dados, registro de percurso e modo de produzir conhecimento. Segundo os autores, primeiramente os dados vão sendo produzidos a partir da narrativa dos sujeitos, logo, o percurso do trabalho deve ser registrado em uma narrativa reflexiva e, finalmente, os dados produzidos devem apresentar o sujeito pesquisado e o pesquisador implicados no processo.

Clandinin e Connelly (2011) apresentam algumas possibilidades de produção de dados, destacando entre eles memoriais, história oral, história de vida, escrita autobiográfica, escrita de diários, diários de campo, fotografias, caixa de memórias e entrevistas narrativas. Sobre esta última Jovchelovitch e Bauer (2002) escrevem que é preciso cuidado na entrevista, uma vez que ela é um convite para que o outro conte uma história, portanto o modelo pergunta-resposta não cabe na estrutura da narrativa e, ainda é preciso se atentar ainda a três características: quanto menos se sabe sobre o tema mais detalhes é preciso saber (textura detalhada), é necessário narrar aspectos relevantes segundo a perspectiva de mundo do sujeito (fixação de relevância) e a história deve ter início, meio e fim (fechamento de gestalt). A pesquisa narrativa se baseia nas histórias que gera e, portanto, ela “é aberta quanto aos procedimentos analíticos” (Jovchelovitch & Bauer, 2002, p. 105).

Das publicações encontradas na base de dados Scielo: Rodrigo Aragão (2008) descreve uma pesquisa com sete alunos de um curso de Letras, especificamente Inglês e através de filmagens, diários, entrevistas, conversas informais, notas de observação em sala de aula, representação visual das emoções o autor discute que ao narrar suas histórias de aprendi-

zagem, estes estudantes dão voz e sentido as suas experiências. Maria Luiza Vassallo e João Telles (2008) investigam sua própria experiência em aprender a língua estrangeira um do outro. Com uma proposta conhecida como tandem, um aprendeu português e o outro italiano. Anotações de campo, mensagens reflexivas de e-mails trocadas durante o período e o conteúdo anotado durante as aulas constituem o método para análise narrativa. Nesse artigo os autores fazem destaque ao conceito de identidade e, portanto, discutem o processo de aprender a língua e constituir-se sujeito através das histórias narradas. Vera Lúcia Paiva (2008) apresenta reflexões sobre a aquisição de língua inglesa, utilizando narrativas de aprendizagem de língua inglesa, em que os narradores revelam aspectos de seus processos de aprendizagem por meio de textos, hipertextos, imagens e sons. Os narradores falam livremente sobre suas memórias e suas emoções ao dar sua própria explicação sobre como aprendem outra língua. Segundo a autora, esses relatos ajudam a entender certos aspectos como medo, ansiedade, influência familiar envolvidos na aquisição de uma língua. Em outro artigo, Lilian Landskron e Tania Sperb (2008) entrevistam nove professoras que narram suas histórias com alunos diagnosticados com TDAH. O estudo permite investigar como essas professoras experienciam o cotidiano de trabalho, como percebem e lidam com o diagnóstico das crianças e como manejam situações concretas. Marcos Junior e Dione Carvalho (2014) descrevem o espaço de supervisão de estágio, onde os estagiários tinham como tarefa escrever diários descritivos e reflexivos sobre as aulas observadas e lecionadas e, em supervisão esses diários eram analisados. Nos diários haviam registros de situações instigantes em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos; de informações sobre a prática para melhor entendê-las; estudo e planejamento de ações a fim de abordá-las; desenvolvimento da ação planejada; realização de reflexão sobre o desenvolvimento da ação para propor mudanças; e, por fim, uma reflexão geral sobre todo o processo. O estudo segundo os autores procurou analisar a constituição do professor nas tensões do dia a dia.

De modo geral, todos os artigos pesquisados, defendem que a narrativa permite “dar voz ao sujeito” da pesquisa, implicar o sujeito a história que conta. Alguns defendem ainda,

que contar, narrar, provoca em si, mudanças na forma como as pessoas compreendem a si e aos outros, o que poderia ser considerado uma estratégia de formação e de emancipação dos sujeitos pesquisados.

Clandinin e Connelly (2011) escrevem sobre desafios desse tipo de pesquisa: a) os comitês de ética, com seus guias técnicos, detalhados e legalistas não permitem considerar as “relações” entre pesquisadores e informantes, dificultando o que, na pesquisa narrativa é muito importante, desse modo, a definição de um projeto de pesquisa a priori, a assinatura de um TCLE sem que o projeto pudesse ter sido construído no processo de pesquisar, questões relacionadas a exigência de anonimato interferem muitas vezes no tipo de pesquisa realizada. b) Outro desafio destacado, diz respeito a necessidade ou não de o pesquisador identificar se a narração é fato ou ficção e, os autores defendem que as narrativas não estão abertas a comprovações, uma vez que tanto ficção quanto fato são quase completamente autobiográficas. c) Outro risco destacado é possibilidade de produção de enredos “Hollywoodianos” os típicos enredos suavizados, necessariamente com final feliz. d) E o último desafio, talvez o mais difícil, é o da fluidez da pesquisa. Por não ter métodos fixos, previamente definidos, pode o pesquisador que não esteja em estado de alerta, se perder, não estabelecendo critérios para si, não definindo limites, nem exigindo qualidade.

O testimonio

Os estudos biográficos envolvem diferentes formas de fazer pesquisa, com uma variedade de orientações teóricas, técnicas de coleta e análise de dados, bem como compromissos políticos e éticos. O *testimonio* é uma forma de produzir e estudar narrativas biográficas que produz um questionamento epistemológico e político radical, nos fazendo refletir sobre os objetivos do conhecimento científico e seu papel na transformação da sociedade.

O *testimonio* é objeto de reflexão especialmente dos estudos literários, com diálogos no campo das ciências humanas e sociais. Sua origem histórica se dá no contexto latino americano da década de 1960 e 1970. Importante para a identificação e difusão do *testimonio* foi sua inclusão como uma categoria

para o concurso da Casa das Americas, em Cuba, em 1971. Seu reconhecimento em um âmbito mais amplo, contudo, se deu nas décadas de 1980 e 1990, a partir de sua inserção nos debates sobre multiculturalismo e estudos subalternos. No contexto americano, houve um intenso debate, com centenas de artigos, livros e capítulos de livro. A obra ícone desse movimento é “Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência”, de Elizabeth Burgos (1993).

Como um gênero literário, ele é complexo e de difícil definição, sendo uma combinação de biografia, história oral, alegoria e coro de vozes coletivas (Mueller, 2012). Marca característica do *testimonio* é a presença de um pesquisador ou escritor profissional que grava e transcreve o relato oral de um narrador que tem poucas condições de se expressar por escrito. Uma definição muito citada sobre o que seria o *testimonio* é a de John Beverly, na qual ele afirma:

Por *testimonio* eu entendo um romance ou uma narrativa do tamanho de um romance em um livro ou panfleto (ou seja, impresso ao invés de acústico), apresentado em primeira pessoa por um narrador que também é o real protagonista ou testemunha dos eventos que ela ou ele conta e cuja unidade narrativa é usualmente a “vida” ou uma experiência de vida significativa (Beverly, 1989, pp. 12-13).

Essa definição de *testimonio* pode ser melhor compreendida se comparada com alguns outros tipos de pesquisa que guardam várias semelhanças, porém, algumas diferenças. Assim, em relação à história de vida, podemos entender que a organização narrativa privilegiada é a do interlocutor que produz o texto, sendo o narrador apenas um informante. Já no *testimonio*, o narrador usa da oportunidade oferecida pelo interlocutor e produz uma “narrativa de urgência”, que busca mudar a história de seu grupo de pertencimento. Em relação à autobiografia, tipicamente, ela busca a afirmação da experiência pessoal, centrada no indivíduo, numa perspectiva já passada e elaborada. No *testimonio*, a identidade do narrador não está separada de um grupo subalterno ou situação de classe, e se dá no momento vivido. (Beverly, 2005).

Segundo Christian Dutilleux (2011), exemplos significativos de *testimonios* são obras como “Se me deixam falar” de Domitilia Barris de Chungara e Noema Viezzer e “Biografía de un cimarrón” de Esteban Montejo e Miguel Bar-

net, sendo que, no Brasil, é difícil localizar *testimonios* significativos. O uso de biografias metonímicas tais como o *testimonio* tem sido pouco frequente na literatura, estando mais presentes nas campanhas e programas televisivos das disputas políticas. Para além dos estudos literários, no campo da Psicologia brasileira, parece ainda haver um completo desconhecimento sobre os usos e potencialidades do *testimonio*.

Tipicamente, o debate em torno do *testimonio* se dá mais diretamente relacionado à sua condição de gênero literário e às perspectivas de emancipação social, portanto, em seus aspectos epistemológicos e políticos, do que relativos aos procedimentos metodológicos efetivos para a produção de um conhecimento correto e válido. Contudo, apesar de não haver uma literatura consistente sobre o assunto, é possível se encontrar algumas orientações sobre o processo de redação de um *testimonio*. Assim, metodologicamente, a construção de um *testimonio* requer a gravação dos relatos apresentados pelo narrador da história, a qual é transcrita e editada segundo os interesses do narrador. Entre as etapas para o desenvolvimento de um *testimonio* estão: preparar, desenvolver o roteiro de entrevista, entrevistar, usar o gravador, tomar notas, transcrever, criar arquivo e tomar cuidados éticos (Randall, 1985).

A escrita dos *testimonios* traz várias contribuições para o conhecimento social. De maneira mais tradicional, podemos entender que os *testimonios* servem para preservar a história cultural popular, e mais do que isso, reconhecer a história social a partir de representantes do povo, e não das classes dominantes. Trata-se, então, de uma estratégia de memória subalterna. Para além do valor intrínseco dessa contribuição, podemos analisar as consequências epistemológicas e políticas da escrita de um *testimonio*. Nesse sentido, ele é uma forma de estudo biográfico que se combina com um modo de intervenção social. Ele é uma crítica às práticas de escrita da academia que são elas próprias formas de dominação e manutenção da subalternidade. Assim, de maneira radical, o *testimonio* subverte o lugar do intelectual e do subalterno. Politicamente, ele possibilita aos intelectuais/pesquisadores/escritores uma coalizão com os subalternos, uma participação na transformação da sociedade. Na relação com

a sociedade, o *testimonio* interpela o leitor e o mobiliza para a ação, sendo uma forma de resistência política (Beverly, 2005).

É nessa combinação entre memória e resistência que se encontra a força e a fraqueza do *testimonio*. A principal crítica endereçada ao *testimonio* se refere à questão da autenticidade e da verdade. Conforme vários estudiosos do campo (Beverly, 2005; Dutilleux, 2011; Mueller, 2012), David Stoll protagonizou esse debate ao acusar a obra de Rigoberta Menchu de conter falsidades e invenções. Contudo, o *testimonio* é importante mais por seus efeitos performáticos, de criação de novas realidades, do que em seu caráter de descrever os fatos. Como um texto escrito, ele é construído a partir de determinadas práticas que geram determinados efeitos, não sendo um espelhamento da realidade histórica. A partir desse modo de entendimento, o *testimonio* é um meio e não um fim, sendo a ética um critério orientador mais do que a objetividade.

Conclusões

Nas três abordagens (ver tabela 1), a marca autobiográfica está presente, mas enquanto na História de Vida e no *Testimonio* o narrador fala sobre si, na Pesquisa Narrativa ele é chamado para falar sobre um acontecimento. Procedimentos para coleta e análise são discutidos mais aprofundadamente na literatura sobre Histórias de Vida e Pesquisa Narrativa, enquanto o *Testimonio*, por si, é o principal resultado.

As três abordagens sofrem críticas quanto à autenticidade do que é narrado, o que remete a um modelo de ciência distante dos paradigmas qualitativos, nos quais há valorização do sentido atribuído pelo sujeito aos acontecimentos ou situações narradas. Considera-se que, dentro da perspectiva qualitativa, dado seu caráter êmico e indutivo, o emprego das três abordagens é de grande valia.

Tabela 1. Síntese das Principais Características.

História de Vida	Pesquisa Narrativa	Testimonio
<ul style="list-style-type: none"> - Recurso da história moderna com destaque a partir da Escola de Chicago, na década de 1920, nos Estados Unidos. - Narrativa do passado a partir do presente que permite relevar o retrato que o narrador faz de sua experiência, reconstruindo acontecimentos vividos. - Registro de entrevistas por meio de gravador e transcrição literal para leitura e divisão das informações em proposições indexadas e não-indexadas, destacando-se os sentidos, as experiências vividas e os argumentos utilizados pelo entrevistado. - Permite conhecer transformações sobre valores e ideias culturais de grupos específicos. - Documento histórico que revela a tensão entre a singularidade da pessoa que narra e conhecimentos e convenções socioculturais. - Necessidade de ser vista como reconstrução de experiência e superação de dicotomias “fato-ficção” e “realidade externa-relato pessoal”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Origem histórica se dá no contexto da crise da modernidade, mas especificamente na crise da investigação positivista. - O modelo pergunta-resposta não cabe na estrutura narrativa, é preciso um convite para que o informante fale, seguindo três características: textura detalhada, fixação de relevância e fechamento de Gestalt. - A pesquisa narrativa se baseia nas histórias que gera e, portanto, é aberta quanto aos procedimentos analíticos. - A narrativa permite “dar voz” ao sujeito da pesquisa e implica o sujeito à história que conta. - As narrativas não estão abertas a comprovações uma vez que tanto ficção quanto fato, são quase completamente autobiográficas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Origem histórica se dá no contexto latino americano da década de 1960 e 1970. - Romance em primeira pessoa de um narrador que é o protagonista ou testemunha dos eventos apresentados; a unidade narrativa é uma experiência de vida significativa; pesquisador que grava e transcreve o relato oral de um narrador que tem poucas condições de se expressar por escrito. - Apesar de possuir alguns procedimentos para sua construção, metodologicamente, vai além de uma perspectiva de coleta e análise de dados, sendo o texto do <i>testimonio</i> o principal resultado do fazer intelectual. - Forma de estudo biográfico que se combina com um modo de intervenção social, funcionando como uma estratégia de memória subalterna, além de ser uma forma de resistência política. - Críticas referentes à questão da autenticidade e da verdade.

Referências

- Aragão, Rodrigo (2008). Emoções e Pesquisa Narrativa: transformando experiências de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 8(2), 295-320. <https://doi.org/10.1590/s1984-63982008000200003>
- Benites, Ana Priscila de Oliveira & Barbarini, Neuza (2009). Histórias de vida de mulheres e saúde da família: algumas reflexões sobre gênero. *Psicologia & Sociedade*, 21, 16-24. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822009000100003>
- Beverly, John (1989). The Margin at the Center: On Testimonio (Testimonial Narrative). *Modern Fiction Studies*, 35, 11-28. <https://doi.org/10.1353/mfs.0.0923>
- Beverly, John (2005). Testimonio, subalternity and narrative authority. In Norman Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 547-557). Thousand Oaks: Sage.
- Bolívar, Antonio; Domingo, Jesús & Fernández, Manuel (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación - enfoque y metodología*. Madrid: Editorial La Muralla.
- Borges, Marcelo Gules; Torales, Marília Andrade & Guerra, Teresinha (2011). Os estudos biográficos como contributo metodológico para o campo educativo-ambiental: reflexões a partir de uma experiência investigativa com famílias assentadas no Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 6, 45-60. <https://doi.org/10.18675/2177-580x.vol6.n2.p45-60>
- Burgos, Elizabeth (1993). *Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência*. São Paulo: Paz e Terra.
- Burnier, Suzana; Cruz, Regina Mara Ribeiro; Durrães, Marina Nunes; Paz, Mônica Lana; Silva, Adriana Netto & Silva, Ivone Maria Mendes Silva (2007). Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação*, 12, 345-358. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782007000200013>
- Cardim, Mariana & Moreira, Martha Cristina Nunes (2013). Adolescentes como sujeitos da pesquisa: a utilização do genograma como apoio para a história de vida. *Interface*, 17, 133-143. <https://doi.org/10.1590/s1414-32832013000100011>
- Clandinin, Jean & Connelly, Michael (2011). *Pesquisa Narrativa - Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU.
- Closs, Lisiane Quadrados & Rocha-de-Oliveira, Sidinei (2015). História de vida e trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, 19, 525-543. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151951>
- Connelly, Michael & Clandinin, Jean (1995). Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: Jorge Larrosa (Ed.), *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación* (pp. 12-59). Barcelona: Laertes.
- Dutilleux, Christian (2011). *Passagens de testemunhos na América Latina (Che Guevara, Rigoberta Menchu e Nunca más)*. Tese de Doutorado inédita. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Gullestad, Marianne (2005). Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. *Educação e Sociedade*, 26, 509-534. <https://doi.org/10.1590/s0101-73302005000200011>
- Josso, Marie-Christine. (1999). História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, 25 (2), 11-23. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000200002>
- Jovchelovitch, Sandra & Bauer, Martin (2002). *Entrevista Narrativa*. In: Martin Bauer & George Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (trad. Pedrinho A. Guareschi, pp. 90 -113). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Junior, Marcos & Carvalho, Dione (2014). Perscrutando diários de aulas e produzindo narrativas obre a disciplina estagio supervisionado de um curso de licenciatura em matemática. *Bolema*, 28, 49, 777-798. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a16>
- Landskron, Lilian & Sperb, Tania (2008). Narrativas de professoras sobre o TDAH: um estudo de caso coletivo. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAP-EE)*, 12(1), 153-167. <https://doi.org/10.1590/s1413-85572008000100011>
- Lima, Aluísio Ferreira (2014). História oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In: Aluísio Ferreira Lima & Nadir Lara Junior N. (Eds.), *Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica* (pp. 13-34). Porto Alegre: Sulina.
- Macedo, Christiane & Goellner Silvana (2013). Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 21, 157-165. <https://doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v21n3p157-165>

- Meihs, José Carlos Sebe Bom. (1996). *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola.
- Mueller, Roseane Maria (2012). Testimonio: história oral de mulher a mulher. *Revista Espaço Acadêmico*, 130, 51-57.
- Othero, Marília Bense & Ayres, José Ricardo de Carvalho Mesquita (2012). Necessidades de saúde da pessoa com deficiência: a perspectiva dos sujeitos por meio de histórias de vida. *Interface*, 16, 219-234. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832012005000010>
- Paiva, Vera Lúcia (2008). Aquisição e complexidade em narrativas multimídias de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 8(2), 321-339. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982008000200004>
- Pineau, Gaston (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-formação existencial. *Educação em Pesquisa*, 32, 329-343. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022006000200009>
- Prado, Guilherme do Val; Soligo, Rosauero & Simas, Vanessa (2014). Pesquisa Narrativa em três dimensões. *Anais do VI CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - Modos de Viver, Narrar e Guardar (6)* Rio de Janeiro.
- Priore, Mary Del (2009). Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, 10(19), 7-16. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X010019001>
- Randall, Margareth (1985). *Testimonios: A Guide to Oral History*. Toronto: Participatory Research Group.
- Santos, Sônia Maria & Araújo, Osmar Ribeiro (2007). História oral: vozes narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, 6, 191-201.
- Schutze, Fritz (2014). Análise Sociológica e linguística de narrativas. *Civitas*, 14(2), e11- e52. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17117>
- Vassallo, Maria Luiza & Telles, João (2008). Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem: histórias de identidades. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 8(2), 341-381. <https://doi.org/10.1590/s1984-63982008000200005>



ELIANE REGINA PEREIRA

Psicóloga, com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PGPSI).

RENATA FABIANA PEGORARO

Psicóloga, Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo (1996, 2002, 2007) É Professora da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PGPSI).

EMERSON FERNANDO RASERA

Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1995, 2000, 2004), com pós-doutorado pela University of New Hampshire/EUA (2011-2012). Atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal de Uberlândia/Brasil. Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia (2008-2009). É Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social (2016/2017).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

eliane@ufu.br

FORMATO DE CITACIÓN

Pereira, Eliane Regina; Pegoraro, Renata Fabiana & Rasera, Emerson Fernando (2017). História de Vida, Pesquisa Narrativa e Testimonio: Perspectivas nos Estudos Biográficos. *Quaderns de Psicologia*, 19(3), 277-286. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/psicologia.1413>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 17-05-2017

1ª Revisión: 15-08-2017

Aceptado: 19-08-2017